

A REMISSÃO DE LÚCIFER

Ronaldo Salles Senna
 Prof. Titular do Dep. de CHF
 Prof. Adjunto do Dep. de Antropologia
 e Emologia da UFBA
 Mestre em Ciências Sociais pela UFBA
 Doutor em Antropologia pela USP

RESUMO – *Deuses do passado são demônios do presente. Os deuses de um povo do passado se transformam em demônios, não apenas se este passado estiver de fato presente nas raízes históricas de um dado processo de construção étnica, assim como se uma etnia dominadora vê os deuses dos dominados como "primitivos". Assim foi revelado Exu na visão da cultura brasileira, entendida como construção da sociedade global. Contudo, os "primitivos" reagem. E o fazem, reorientando o discurso oficial contra o opressor. Este é o caso da Remissão de Lúcifer, demônio dos dominadores, que gente de santo (como possível reação de um Exu injustiçado) resgata (como resposta empática de determinados grupos de Umbanda) na atualidade.*

ABSTRACT – *Past time gods are present time demons. Gods of a former existing people become demons, not only when this past is present in the historical roots of a given ethnic construction process, but also when a dominating ethnic group sees the gods of the dominated people as "primitive ones". Exu* has been perceived in such a way in Brazilian cultural conception if it is understood as elaboration of the global society. Nevertheless "primitive" react. They do it redirecting the official discourse against the oppressor. This is the case of the REDEMPTION OF LUCIFER, the demon of the dominators, rescued (possibly as a reaction of an unfairly treated Exu) by the Brazilian Voodoo cult people (as an empathical attitude of certain Umbanda** groups) lately.*

Na formação da sociedade brasileira, como já foi amplamente veiculado, mesclagens e justaposições de elementos de cultura originalmente diferenciados, marcadamente europeus e africanos, aconteceram no que hoje comumente são designados como cultos e religiões afro-brasileiros.¹

Esse fenômeno, desde Nina Rodrigues,² vem sendo visto e chamado de sincretismo. Por mais discutível que seja esta colocação, não o é, no entanto, o fato de que este fenômeno foi elaborado dentro de um quadro histórico de dominação étnico-cultural.

Nesse processo, os deuses trazidos ao Brasil pela mente dos europeus tornaram-se dominantes, os que chegaram na cabeça dos africanos tornaram-se dominados ou dependentes.

(*) Exu is a deity of the Brazilian Voodoo.

(**) Umbanda is a version of the Brazilian, Voodoo supposedly resulting from a syncretic relation of Candomblé, Indian Religions, and Catholic Religion.

Isso, no entanto, não é um fenômeno total. Os núcleos de resistência cultural, a esse processo, podem ser encontrados em um número significativo de casas da tradição orixá.

Tais resistências, não obstante, não invalidam, ao contrário, ratificam, a existência dessa edificação “colonialista” do sagrado, notadamente nas manifestações afro-brasileiras que surgem como recriações e desdobramentos dos Candomblés de Caboclo. É o caso da Umbanda, por exemplo.

A Umbanda, como formação originalmente urbana que é (à medida que se aceita, obviamente, o que tem dito a literatura especializada no tema. Tanto a doutrina quanto a científica), pode trabalhar a heterogeneidade sócio-cultural existente no contexto onde esta mesma religião nasce e viceja.

A formação do seu pensamento doutrinário não foi obstaculada pelas distâncias e isolamentos rurais, pela dependência praticamente absoluta da oralidade, pela “obrigação” de manter as raízes “puramente africanas” e muito menos com o trauma da escravidão; fenômenos que marcaram a biografia das religiões e cultos afro-brasileiros que a precederam.

Dessa forma, o meio urbano construiu facilidades para a consolidação da doutrina, tais como:

Primeiro, os contatos face a face de um grande número de pessoas em locais e momentos profundamente interativos, dentro da solidão angustiante da grande cidade.

Segundo, o uso corrente da palavra impressa, que permitiu uma fixação mais forte, entre os fiéis, dos fundamentos centrais da proposta.

Terceiro, a quebra deliberada dos “preceitos” anteriores de terreiro, muitas vezes favorecida pela ignorância das “coisas de santo” vistos, pelo próprio grupo, como mais autênticos. Não é difícil observar que a Bahia ainda é vista, por um grande número de umbandistas, como o centro de candomblé com axé mais forte.

Quarto, a importância muito grande que uma conjunção como essa deu e dá aos rituais de cura, praticamente, centralizando esse comportamento nos atos de terreiro, em detrimento de rituais puramente festivos e cerimoniais.

Quinto, a dinâmica da economia urbana, não apenas dificultando mas, geralmente, impossibilitando comportamentos conventuais.

Sexto, como resultado de tudo isso, a vulnerabilidade maior a influências de outras religiões que proliferam no meio urbano e que tenham, com as religiões afro-brasileiras, algo em comum, como é o caso do kardecismo que, tanto quanto a umbanda, firma, na prática, a sua doutrina, em cultos e rituais de posseção.

Sétimo, ainda em decorrência desse processo, o comportamento algo abúlico em manter viva a identidade de cultos que perdiam a memória porque interpenetrados, em demasia (se forem tomados como referências os Candomblés ditos autênticos ou tradicionais), por outros elementos de cultura e comportamentos mágico-religiosos.

A memória do Candomblé e a do Xangô conseguiram ser mantidas, porque o negro nagô, chegado a partir da decadência do engenho e do ouro, foi mantido na

cidade (Salvador e Recife), enquanto que a memória do negro de outras origens, chegados antes do processo da Urbis, viram sua cultura destruída no campo e nas minas e transformadas, forçosamente, ao redor das Igrejas de N.S. do Rosário e São Benedito.

A influência do Candomblé no Rio e São Paulo só começou a se fazer presente a partir da vinda de D. João VI e depois, principalmente, após as grandes secas do final do século e da campanha de Canudos, fenômenos que forçaram o nordestino do sertão e o negro baiano a descerem em massa à procura de trabalho no sul.

Sem compromissos rígidos, portanto, com a mítica mãe África, a Umbanda passa a competir com a religião e a religiosidade oficiais dentro da linguagem urbana e sofisticada que vai apreendendo no decurso da sua própria biografia. O passado fica mais longínquo e mais esotérico. Lemúria toma o lugar de Aruanda. Um discurso rebuscado e pseudo-erudito começa a brotar em líderes que, já possuindo um bom nível de escolaridade e um razoável acervo de leituras (geralmente literatura doutrinária ou afim), passam a se sentir “gurus” e arautos de uma nova ordem cosmológica que estaria por vir. Este messianismo possui algo bastante específico como recriação de elementos do território sagrado. É comum, por exemplo, encontrarmos terreiros que vêem o caboclo junco Verde como o veículo de Lúcifer, como os dois que vamos agora identificar:

Primeiro, o Sr. Orozimbo Ozório Gonçalves, pai de santo de Umbanda na Cidade de Poços de Caldas - MG, figura por demais conhecida naquela cidade, entre gente de santo ou não.

Segundo, o Sr. Miranilson Carvalho dos Santos - Tenda Caboclo Sete Lanças. Rua Ararituaba, 260 - Vila Maria - São Paulo/SP.

Apesar das diferenças substanciais que existem entre as tendas de Umbanda, posto que por própria formação histórica o comportamento algo anárquico dos terreiros assim determinaria, alguns acontecimentos comuns também se dão.

Depois de redimir Exu, entregando-lhe linhagens inteiras dos seus rituais e territórios sagrados, chega o momento da REMISSÃO DE LÚCIFER, ou Senhor Lúcio, como é chamado em alguns terreiros.

Satã-Lúcifer, este mistério supremo da teologia cristã tem, na Umbanda, religião eminentemente brasileira, uma reflexão filosófica à altura dos grandes pensadores sobre o tema.

Observem este discurso de Lúcifer incorporado³:

– Tudo o que nasce tem que nascer de um ventre. Criaram até um ventre universal. Então cria-se a superioridade num ato de magia, existência de seres que devem existir para os teólogos.

– As primeiras vezes que cheguei eu dizia que era gargalhando, construfando-destruindo porque é das cinzas de algum grande mal que algo pequeno, mas justo, pode-se dar.

– E, graças à vossa descrença (referia-se a minha própria descrença – entrevistadora – e também dos outros que nele não crêem), que aliás, eu apoio e faço questão que ela exista, que a minha força é universal e que faz com que eu possa existir. Ci-

tando a sua dialética, eu sou o outro.

– No momento que deixar de existir a descrença daquilo que eu sou, mas existir a crença e a fé cega na verdade minha, não haverá mais razões para eu ser.

– A lógica de minhas palavras é bom você não tirar não, se não você vai acabar escrevendo um tratado.

– Se eu fosse um ser humano e professor de criança eu citaria, por exemplo: – O Mal é como uma treva, nada mais do que a seqüência da própria luz e vice-versa.

– O mal não é individual. Ele não existe por mim, e sim, depende de segundos para sua própria existência, como eu, neste momento necessito do aparelho para expressar-me. O mal necessita não de um, mas de vários aparelhos para universalizar-se. Ele é essencialmente uma condição humana e material. Mas, vivendo ele não existe, ainda isto, porque a sombra do bem está sempre perseguindo-o. Não há relatividade, o mal só existe dentro do bem. O bem é o sentimento universal humano (é figurado, o humano não atinge o universal) – (Todos os parênteses foram colocados por ele próprio).

– Bem e mal – O bem seria para o ser humano, diferente, de acordo com as condições criadas. Seria o Zé Biri (Figura popular da cidade) ganhar na loteria esportiva. Vou lhe provar que este bem não existiria, nem mesmo para ele. A situação biológica, intelectual, social e religiosa do Zé Biri, não dá a ele condições para que possa possuir alguns bilhões. Por isso, se ele possuir esses bilhões lhe será o maior mal. Mas, se outro tivesse ganho, isso lhe seria um grande bem.

– Não vou lhe citar o bem em termos sociais e políticos para não complicar.

– O mal para o alto potentado, casado, com filhos, sem nenhum defeito: Este alto potentado, de um momento para outro, gastando em orgias, gastando a rodo (o ser humano vive em função de gastar), pelo que chamam por af de azar, ele perde tudo. Houve desânimo e a esposa falece devido ao golpe, o esposo procura o apoio de amigos e com a ajuda de um dos filhos consegue reerguer-se. O filho mais novo abandona o país à procura de outros conhecimentos. No momento lhe contei o mal de uma família que existiu e existe.

– Onde está o mal?

– Há saneamento para o mal. Ideologicamente falando, uma sociedade perfeita seria aquela em que todo homem pudesse dizer: – Eu tive condições morais, intelectuais e físicas para ser dono desta caneta (ele estava com uma caneta na mão), mas todos os outros que convivem ao meu lado tiveram também as mesmas condições para serem proprietários de canetas, não iguais a minha mas iguais as suas necessidades.

– No seu país existem proprietários de glebas imensas e tudo que se pode cultivar af, através desse cultivo e a exploração dos mesmos tornou-os arquimilionários. Essa é a caneta deles, Ele ficou bilionário através dela, só que ele não é o dono, porque ele faz parte de um regime sócio-econômico religioso que como ele, também é explorador. Isto seria um exemplo de um mal coletivo e de uma sociedade não realizada, porque quando o homem pensa que ele é dono, ele não é o dono.

– Se houvesse o saneamento do mal a sociedade por mim descrita passasse a existir anular-se-ia as razões do dois. Mas não se semeia por uma razão muito sim-

ples: – O ser humano encontra-se nos primórdios de sua evolução humana, em que ele não se encontra em condições psicológicas para saber oferecer a outrem, seu igual, a igualdade de si mesmo. Essa é a razão da existência do dois.

– Não dissecando tudo aquilo que você sabe sobre a criação do que o ser humano fez do outro lado para sua própria sobrevivência, vou plagiar o aparelho recorrendo alguma coisa que ele lhe disse. Ele referiu-se ao homem primitivo que quando percebeu que o outro era diferente dele, odiou, sentiu inveja e passou a existir o mal. Não é isso. O homem quando percebeu a existência de sua sombra, que ela era sua, ele simplesmente criou: – Se eu sou o osso, carne e aquilo que sou eu (a sombra), então, aquele é o outro eu (outro lado). Partiu da sombra, o outro lado, isso é uma das razões do porquê dizer mundo das trevas. Pois uma sombra só pode existir se há uma luz projetando sobre um objeto concreto. Estas sombras não existem. – Sabe porque não existem? – Porque ela é simplesmente o lugar vago que a luz não pôde atingir devido ao corpo que se interpõe na projeção da mesma.

– Criando as crenças teológicas, religiosas e filosóficas, eu passei a existir de acordo com a própria vontade do ser humano.

– Função na época atual dentro da crença daqueles que praticam a Umbanda e Quimbanda ou outras, pois eu vou me generalizar dentro do conceito religioso deste seres:

– Invertendo as palavras de um livro que para muita gente é sacro, ele diz: ‘E haja luz’. Atente bem para o que vou vos dizer agora: ‘-E-luz-se-fez’. – Você entendeu a pronúncia? (Lúcifer foi a pronúncia).

– Fita essa luz que é parte primeira e única de toda a existência sobre a face da terra, humana ou não. Passou-se a interpretá-la como o mal em si, invertendo-se o valor da mesma de acordo com a concepção humana nas horas de vigília.

– Vou lhe fazer uma revelação: Nós existimos. Nós somos de fato inteligência extra-sensorial e terrestre. Podemos e influenciamos sobre os seres existentes sobre a face da terra há bilhões de anos. Só que todas as concepções ideológicas e teológicas feitas até hoje a nosso respeito são falsas e absurdas.

– Luz-se-fez, é dentro do seu cérebro e, a partir desse momento era a razão primordial da existência humana existente ou não sobre a face da terra.

– Eu existi com o primeiro homem que viu a luz. E, a partir desse momento eu passei para todo homem que compreende de fato a realidade da existência da luz.

– Para o inculto, analfabeto, supersticioso, eu sou apenas o pavor, a treva. Mas para o culto, o sábio, para aquele que de fato se preocupa com as existências, eu sou uma das razões da vida. Para o sábio existo como o mal material e ele faz questão da minha existência, para a existência do bem. Para o inculto, o analfabeto, eu sou o espiritual, pavoroso. É uma verdade que desculpa as suas próprias mazelas.

– Eu sou o bem do culto. Eu sou o mal do inculto. É por isso que o culto dirá até numa oitava de final: este ser não existe. É por isso que o inculto, que não pode soar até uma quinta nota, dirá sempre. Ele é o mal e existe. E, olhando para ambos: Eu existo por ambos e com ambos. Porque eu sou o três do dois. Eu sou o único.

– Resolvi, através dos tempos e devido a criatividade cerebral dos seres huma-

nos, encontrar um ser pelo qual pudesse me expressar. Fluindo das diversas partes da terra e usando e abusando de cérebros cultos e incultos a meu bel prazer, pude introduzir-me no corpo que agora ocupo para tentar, nesse espaço de tempo, expressar-me como individualidade e comunicar-me com o homem que criei e vice-versa.

– Eu precisei de um ambiente inculto onde a fé é mais forte e onde o método de pregação oral e criatividade mental é mais rápido, mesmo porque essa crença é a base científica na qual se apegará o homem do futuro para poder oferecer, às sociedades existentes, o novo método de vida bem superior ao do momento.

– Para influenciar para que aconteça aquilo que eles desejam, o ser humano, quando me procura, parta ele da esfera social que partir, ele está no último estado de desespero e, portanto, psicologicamente maleável a qualquer tipo de sugestão ou de suggestionadores. A este estado dá-se o nome mediunidade. O indivíduo neste estado, ao chegar perto de mim, ele pede de acordo com as suas necessidades, concepções e, também, de acordo com seu grau de instrução. Nesse momento ele é um instrumento superafinado no qual um bom músico poderá tirar qualquer nota. O estado psíquico-cerebral está em condições de realizar de per si aquilo que o próprio tanto anseia, mas que não tem conhecimento que poderá realizar, então, ele torna-se apenas um instrumento criativo e automático, comandado por controle remoto. Eu só comando na minha parte, não há necessidade nenhuma do fator milagre para ser realizado aquilo que ele pediu. Ele próprio pode realizar. O que faltava a ele foi não conhecer o seu próprio estado e, como esse estado poderá levar o desavisado ser humano a estado neurótico, a ‘calaptsíquica-animética’ (?).

– Nós atuamos fazendo mesmo crer ser nossa obra (eu e você-médium) o vosso próprio artesanato (o que vós próprio queria). Isso aí é o método que toda e qualquer linha de Umbanda, Quimbanda ou qualquer outra força intitulada oculta exerce sobre os indivíduos em uma sessão de macumba ou qualquer outra coisa.

– Nós. Eu sou a matéria da vossa matéria. Existo porque os senhores existem. Não deixarei de existir jamais porque o ser humano jamais deixará de existir. Existo no cérebro quase que petrificado do primeiro homem (dos primeiros homens). Existo no cérebro já bem evoluído dos homens de agora e existirei com os supercérebros dos homens do futuro. Mas, personificaram-me sempre como – vou usar um termo de Umbanda – o outro lado, como a outra banda ou simplesmente como o outro.

Ao ser solicitado para que explicasse melhor o seu conceito de universo, respondeu:

– Universo humano é tudo aquilo que a sua inteligência puder envolver. Para mim, universal, é simplesmente tudo aquilo que a inteligência humana não conseguiu alcançar. O que se torna necessário para o ser humano é analisar as inverdades ditas dentro da verdade que eu sou.

– O bem seria a mola controladora; a propulsão as autodestruição seria o mal em razão da existência do próprio bem. Umbanda e Quimbanda não entram aí, o pouco que entrou foi para explicar a razão apenas do seu modo de agir.

– Pretendo, na verdade, é fazer com que os homens dêem mais valor às suas próprias criações e compreendam, não ser apenas um adágio, mas uma confirmação

científica a frase que diz: 'Nada se perde, tudo se transforma. E, através das metamorfoses materiais, o homem poderá atingir o clímax da sua existência e sabedoria, sem destruir a razão principal da sua vida'.

Lúcifer, na voz de Orozimbo Ozório Gonçalves, é muito parecido com o "Sr. Lúcio", que incorpora em Miranilson Carvalho dos Santos.

A mesma exegese, o mesmo estilo rebuscado e grandiloquente, a mesma visão filosófica, a mesma razão teológica.

Não reproduzimos, agora, algum discurso de Lúcifer-Miranilson pelo fato de não o termos gravado, o que não aconteceu com Lúcifer-Orozimbo. Podemos, no entanto, baseado no que, pessoalmente, ouvimos, assegurar que se trata do mesmo fenômeno ou fenômeno similar, na atual fase de adaptação sócio-cultural por que passa a Umbanda.

Estes dois senhores (Orozimbo e Miranilson) não se conhecem e nunca ouviram falar um do outro. Não habitam a mesma cidade nem, sequer, o mesmo estado ou região. No entanto, uma série de identificações se fazem notar, entre os dois, além do que já foi dito como, por exemplo:

I) A inexistência de dança, comportamento ritual que, geralmente, nos cultos afro-brasileiros, caracterizam os personagens presentes no terreiro. Em seu lugar, uma postura ativa e sofisticada (acompanhada por gestos que denotam poder) preenche os requisitos necessários (aos fiéis) à construção da autoridade do comunicante;

II) A mesma forma de falar, no que se refere ao uso comum de palavras e expressão, ao timbre vocal e à construção do período;

III) O mesmo raciocínio cabalístico, inclusive com expressões comuns tipo "eu sou o três do dois".

IV) A preferência pelo mesmo tipo de bebidas, procurando mostrar requinte na escolha de produtos mais caros (procuram sempre falar sobre isto), além de uma espécie de "ponche" que chamam de jurema⁴.

V) A afirmação dos médiuns⁵ de que trabalham com o Caboclo Junco Verde, como mensageiro de Lúcifer. É comum que, antes da aparição de Lúcifer incorporado, estivesse existindo uma gira de Exus. Neste caso, Junco Verde, que é um caboclo que muitas vezes aparece entre eles, poderia ceder o "seu lugar" no "burro", para a entrada de Lúcifer.

VI) A semelhança entre as análises filosóficas (compostas mescladamente, por elementos maniqueístas e dialéticos) acerca do bem e do mal.

Todas estas identidades e semelhança indicadas nos parágrafos, particularmente a do item V, provocam, logicamente, a suposição de que existe, entre as diversas casas de Umbanda, uma espécie de comunicação contínua, diria mesmo uma "solidariedade" "subterrânea" (no sentido de que não é uma interação publicamente exposta) entre os centros, tendas e terreiros.

Tudo indica que isto se dá. Mas, a que nível e de que forma?

Como não temos conhecimento de estudos específicos a respeito, fica a pergunta como provocação para investigações futuras, para todos aqueles que se mostram interessados.

NOTAS

- 1) A expressão afro-brasileiro (a), embora bastante criticada pelos antropólogos que duvidam das sobrevivências reais de elementos africanos no Brasil, está aqui assumida por três motivos: Primeiro, por, tudo indicar, inexistir outro mais apropriado para a discussão em questão: Segundo, pela recriação brasileira de elementos africanos, por mais discutível que seja o nível dessa recriação e terceiro, pelo sentido de dualidade que possui a expressão, unindo duas categorias sociais, mesmo que uma esteja mais mitificada que a outra.
- 2) Referimo-nos a, entre outros, Edson Carneiro, *Negros Bantus*, Rio, 1937 e *Religiões Negras* Rio, 1936; Manoel Raymundo Quirino, *Artistas Baianos*, Rio, 1909 e *a Bahia de Outra ra*, Bahia, 1922; Arthur Ramos, *Os Horizontes Mythicos do Negro da Bahia*, Bahia, 1932; Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, S. P., 1932 e *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*, Rio, 1935.
- 3) Além dos médiuns citados, existem notícias de outras pessoas que recebem Lúcifer e que possuem, aproximadamente as mesmas características, quando manifestadas, incorporadas ou provocadas por ele. Como, no entanto, não foram vistas entrevistadas pelo pesquisador, não estão aqui mencionadas. A entrevista com Orozimbo – Lúcifer foi feita pela Professora Maria José de Souza (Tita) para a comissão de cultura do Chico Rei Clube de Poços de Caldas – MG.
- 4) Jurema – Planta leguminosa-Mimosácea, utilizada em cultos afro-ameríndios (principalmente no norte e nordeste) como alucinógeno (Cacciatore, O.G., *Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros*, Forense). Não se trata, entretanto, no uso desta substância dicionarizada, ficando, no entanto, visível, o uso da palavra como sobrevivência ou resquício do sentido original.
- 5) A palavra médium está aqui sendo usada no sentido genérico daquele que é incorporado por uma entidade sobrenatural. Na Umbanda esta aferição varia no uso corrente de termos como carnal, cavalo, aparelho ou mesmo, burro, como se intitulam, a depender da casa a que estão vinculados. Lúcifer, quando incorporado em Orozimbo refere-se ao médium chamando-o de aparelho, quando de posse de Miranilson o faz chamando-o de burro. Este é o motivo pelo qual usamos o termo aspeado na quarta linha do parágrafo no qual está inserido este item.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGRAS, M. *O ser da compreensão*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- BASTIDE, R. *A cozinha dos deuses*. Rio de Janeiro, SAPS, 1952.
- . *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, Pioneira, 1971. 2v.
- . *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- BONFIM, M. *Os ministros de Xangô: Estudos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro, Ariel, 1935. p.233-8.
- EVANS-PRITCHARD, E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida quotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- LEWIS, J.M. *Êxase religioso*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- NINA RODRIGUES, R. *Os africanos no Brasil*. São Paulo, Nacional, 1971.
- ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis, Vozes, 1978.

- QUERINO, M. *A roça africana*. Salvador, Livraria Progresso, 1955.
- RAMOS, A. *O negro brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.
- SANTOS, J.E. *Os Nãgò e a morte*. Petrópolis, Vozes, 1976.
- SANTOS, D.M. dos & SANTOS, J.E. dos,. O culto dos ancestrais na Bahia: o culto dos Égun. In: *Olôôrisá*. São Paulo, Ágora, 1981. p.155-88.
- VERGER, P. *Orixás: Deuses iorubas na África e no novo mundo*. Salvador, Corrupio, 1981.